



RELISE

PANORAMA DO ECOSISTEMA EMPREENDEDOR DA ÁFRICA DO SUL: UMA REVISÃO DE LITERATURA¹

OVERVIEW OF THE ENTREPRENEURIAL ECOSYSTEM IN SOUTH AFRICA: A LITERATURE REVIEW

Lorena Manchenho²

Nicole Del Bianco Santos³

RESUMO

Este artigo apresenta um panorama do desenvolvimento do ecossistema empreendedor da África do Sul. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática de literatura com busca em bases de dados, que apontou desafios e oportunidades. Destacam-se a desigualdade social, burocracia, dificuldades de acesso ao crédito; o papel estratégico das universidades e hubs tecnológicos no desenvolvimento do capital humano e da inovação; as experiências regionais, como os ecossistemas de Joanesburgo, Baía de Nelson Mandela e Mpumalanga; e a influência do BRICS como bloco de apoio à transformação do ambiente empreendedor. A pesquisa demonstra que, apesar dos avanços em políticas públicas e na criação de plataformas de apoio, o ecossistema sul-africano carece de ações coordenadas, integração territorial e fortalecimento institucional para alcançar um desenvolvimento inclusivo e sustentável.

Palavras-chave: África do Sul; ecossistema empreendedor; BRICS; pequenas e médias empresas, desenvolvimento econômico.

ABSTRACT

This article presents an overview of the development of South Africa's entrepreneurial ecosystem. To this end, a systematic literature review was conducted with database searches, which highlighted challenges and opportunities. Highlights include social inequality, bureaucracy, and difficulties in accessing credit; the strategic role of universities and technology hubs in the

¹ Recebido em 18/07/2025. Aprovado em 30/07/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.16980482

² Universidade Federal do Paraná. lorenamanchinho@gmail.com

³ Universidade Federal do Paraná. nicolebiancos@gmail.com



RELISE

124

development of human capital and innovation; regional experiences, such as the ecosystems of Johannesburg, Nelson Mandela Bay, and Mpumalanga; and the influence of the BRICS as a block supporting the transformation of the entrepreneurial environment. The research demonstrates that, despite advances in public policies and the creation of support platforms, the South African ecosystem lacks coordinated actions, territorial integration, and institutional strengthening to achieve inclusive and sustainable development.

Keywords: South Africa, entrepreneurial ecosystem, BRICS, small and medium-Sized enterprises, economic development.

INTRODUÇÃO

A África do Sul é um país com uma diversidade de grupos sociolinguísticos, como os Xhosa, Zulu, Soto, Suazi, Venda e “brancos” descendentes principalmente de Ingleses, Holandeses e Asiáticos (Agostinho, 2018). Perante essa grande diversidade, o país ficou caracterizado pela dominação, adaptação e recuo de grupos humanos, além de ainda passar por problemáticas em relação à desigualdade social, consolidação de seu governo democrático e instituições, o que reflete nas dificuldades em continuar um alto patamar de desenvolvimento econômico. Pereira (2011) afirma que a transição do regime do Apartheid - legado de um período de colonização holandesa e britânica entre os séculos XVII e XX - para a democracia foi complexa e nada pacífica, em que o país, apesar de na década de 1990 ter a mais desenvolvida das economias do continente africano, sofria com alto nível de desemprego, de pobreza, de violência, além da alta concentração de renda.

A África do Sul ingressou no BRICS em 2010, juntando-se ao Brasil, Rússia, Índia e China. A entrada no grupo foi estratégica, considerando seu papel como a economia mais desenvolvida da África e uma porta de entrada para o continente. A adesão permitiu maior integração em um bloco que, coletivamente, representa 35% do PIB mundial, promovendo maior colaboração, trocas econômicas e culturais entre as nações do grupo. Como demonstram Rani



RELISE

e Kumar (2021), o grupo oferece oportunidades de investimento empresarial para fazer as economias de seus integrantes passarem de uma fase impulsionada pela eficiência, para uma fase impulsionada pela inovação.

Mesmo que a integração ao BRICS ofereça oportunidades de financiamento e troca de melhores práticas, as taxas de atividade empreendedora nos países do grupo, incluindo a África do Sul, têm se mantido estáveis ao longo dos anos. Apesar disso, iniciativas governamentais e apoio à inovação têm sido enfatizados como ferramentas para impulsionar o crescimento inclusivo.

Atualmente, a economia da África do Sul está centrada em grandes áreas urbanas, em cidades que abrigam universidades de destaque, como Joanesburgo, Pretória e Cidade do Cabo. Essas localidades não apenas concentram riqueza e população, mas também desempenham um papel crucial no desenvolvimento do ecossistema empreendedor (EE). As universidades contribuem significativamente para a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias e iniciativas que apoiam o empreendedorismo, além de servir como ponto de encontro para empreendedores, investidores e outros *stakeholders* (Høvig *et al.*, 2023).

Assim, iniciativas como o apoio às Pequenas e Médias Empresas (PMEs) por meio do *Small Enterprise Finance Agency* (SEFA) e programas como o *Unlocking Potential in an Enterprising Nation* têm buscado criar um ambiente mais favorável para o empreendedorismo. O governo também investiu em parcerias público-privadas para promover inovação e no desenvolvimento de hubs tecnológicos vinculados às universidades, como a plataforma *Entrepreneurial Development in Higher Education* (EDHE), que visa fomentar o intraempreendedorismo acadêmico. Apesar disso, os impactos ainda são restritos devido à falta de coordenação e continuidade das políticas.



RELISE

Continuamente, a África do Sul é um dos poucos países do continente africano incluídos nas pesquisas do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM). No relatório de 2022, as outras nações do continente apresentadas foram Egito, Marrocos, Togo e Tunísia, enquanto para 2023 continuaram somente África do Sul e Marrocos, sendo que ambas estão classificadas economicamente no nível C pelo consórcio, que corresponde às nações com PIB per capita de menos de 25 mil dólares (GEM, 2023; 2024).

Na publicação recente do relatório (GEM, 2025), o país continua na classificação do nível C, ademais o consórcio constatou que o contínuo crescimento econômico abaixo de 1,5% por ano e o declínio da infraestrutura nacional contribuem de forma negativa para o desenvolvimento de novos negócios. No entanto, registra um aumento da participação de mulheres envolvidas em atividades empreendedoras: de 9,5% em 2022, para 13,5% em 2023 (Bowmaker-Falconer; Meyer; Samsami, 2024).

Nos últimos anos, a taxa de Atividade Empreendedora em Estágio Inicial (TEA) na África do Sul apresentou grandes oscilações: de 17,5% em 2021, caiu para 8,5% em 2022, e voltou a subir para 11,1% em 2023. Homens têm uma maior tendência a iniciar negócios em comparação às mulheres (TEA masculino = 12,7%; TEA feminino = 9,7%). Já a Propriedade de Negócios Estabelecidos subiu significativamente, alcançando 5,9%, um aumento expressivo em relação ao ano anterior. Além de que, sete em cada dez novos empreendedores apontaram como motivação para empreenderem ganhar a vida porque os empregos são escassos, enquanto um número ligeiramente menor (dois em cada três) concordou com a motivação de construir grande riqueza ou uma renda muito alta (GEM, 2023).

Diante da afirmação do relatório GEM (2025), sobre a qualidade do ecossistema empreendedor da África do Sul ser avaliada como pobre por pesquisadores nacionais, e publicações anteriores destacando o



RELISE

desenvolvimento da nação em ritmo lento, instigou-se o questionamento sobre as condições do EE no país de forma a avaliá-lo. Dessa maneira, neste artigo objetiva-se trazer um panorama dos desafios e oportunidades relacionados ao desenvolvimento do ecossistema empreendedor da África do Sul.

Para esse fim, foi realizada uma revisão sistemática de literatura que possibilitasse levantar as perspectivas de estudiosos sobre a temática, alinhando pontos mais relevantes e abordados para auxiliar outros pesquisadores em futuras pesquisas que, por sua vez, podem oferecer aprofundamento sobre a dinâmica de ecossistemas empreendedores na África do Sul em conjunto com dados disponibilizados por relatórios como os do GEM.

Uma vez que o país tem sido foco recente de estudos envolvendo ecossistema(s) empreendedor(es) (EE), especialmente em relação ao papel das Pequenas e Médias Empresas (PMEs). Percebe-se que o EE da África do Sul está em desenvolvimento, mas enfrenta desafios significativos. A burocracia, falta de recursos e apoio governamental são entraves para o progresso do intraempreendedorismo, especialmente dentro das universidades.

Além disso, apenas 10,3% da população adulta está envolvida em atividade empreendedora e questões como acesso ao financiamento, desenvolvimento de habilidades empreendedoras e absorção de tecnologia ainda representam obstáculos significativos para o crescimento e a sustentabilidade das PMEs no país. Assim como o desempenho ruim da economia há mais de uma década, com o PIB em declínio desde 2011 e desigualdade social extrema, o país tem um longo caminho a percorrer para desenvolver o empreendedorismo como um importante impulsionador do desenvolvimento econômico, da criação de empregos e da coesão social (Bowmaker-Falconer; Meyer; Samsami, 2022).

A pandemia de COVID-19 exacerbou os desafios enfrentados pelas PMEs na África do Sul, destacando a necessidade de medidas de apoio



RELISE

128

governamental e iniciativas de resiliência. Durante os períodos de bloqueio, muitas empresas enfrentaram dificuldades financeiras e operacionais, destacando a importância do acesso ao financiamento e suporte empresarial para a sobrevivência dos negócios em tempos de crise (Fubah; Moos, 2022).

Apesar disso, estratégias adaptativas, como a diversificação de modelos de negócios e a adoção de serviços online, foram essenciais para a sobrevivência de alguns empreendedores, assim como o networking que desempenhou um papel crucial, permitindo que as empresas compartilhassem informações e colaborassem para enfrentar os desafios em conjunto. A pandemia ressaltou a necessidade de criar um ecossistema mais resiliente, com foco em inovação e flexibilidade (Fubah; Moos, 2022).

De maneira a organizar os achados desse estudo, o artigo foi dividido em três seções principais, além dessa introdução: procedimentos metodológicos para explicar a elaboração da revisão sistemática de literatura, perspectivas sobre ecossistema empreendedor na África do Sul com quatro subseções temáticas, e as considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esse artigo foi escolhida a revisão sistemática de literatura, a fim de traçar um panorama de estudos que tratam de ecossistemas empreendedores dentro da África do Sul, auxiliando no entendimento de diferentes perspectivas de estudiosos sobre condições, desafios, necessidades e principais atores, por exemplo, que formam o ecossistema empreendedor do país. Logo, a compilação de estudos feita aqui demonstra a dificuldade de acesso para pesquisadores sobre dados e referências exclusivamente sobre países tidos como marginalizados, em desenvolvimento e fora do eixo centralizado europeu. Por isso a importância de realizar mais análises sobre



países do continente africano, impulsionando o interesse para futuras investigações que tragam diversidade ao cenário de pesquisa internacional.

Acerca dos procedimentos realizados, iniciou-se com uma busca em quatro bases de dados reconhecidas pela comunidade científica: *Web of Science*, Scopus, Scielo e periódicos CAPES. A fim de buscar publicações recentes que abordem os avanços, desafios e características do EE sul-africano, foram estipulados os parâmetros de inclusão para: artigos científicos publicados entre 2018 e 2025, de acesso livre, nos idiomas inglês e português. Foram usadas como palavras-chave para a pesquisa: “entrepreneurial ecosytem”, “entrepreneurial ecosystems”, “ecossistema empreendedor” ou “ecossistemas empreendedores”, e “South Africa” ou “África do Sul”. Ademais, foram incluídos apenas artigos científicos revisados por pares, excluindo-se teses, dissertações, anais de eventos, livros e capítulos de livros.

A distribuição dos resultados por base de dados foi a seguinte: 53 artigos encontrados na *Web of Science*, 44 na Scopus, 37 nos periódicos CAPES, e um na Scielo, contabilizando 135 artigos encontrados na primeira busca. A triagem dos resultados considerou os títulos, resumos e, posteriormente, o conteúdo completo dos textos, para garantir a relevância temática. Após a eliminação de duplicatas e a leitura criteriosa dos textos, foram selecionados 18 artigos para análise qualitativa e categorização temática. Esses procedimentos permitiram a análise de textos que comumente abordam a estruturação dentro do macro ecossistema empreendedor da África do Sul.

Também foi realizada uma busca nos periódicos da CAPES sobre artigos publicados entre 2018 e 2025 com as palavras-chave específicas “South Africa” e “BRICS”, para saber se haveria alguma correlação de estudos sobre o bloco, que inclui o país, com ecossistemas empreendedores. Foram encontrados 30 artigos de acesso livre. Os estudos concentram-se entre as áreas de medicina, psicologia, engenharia, pesquisa e desenvolvimento, economia,



educação, política e meio ambiente. Dentre os estudos foi achado o artigo de Bates (2021), que menciona o termo ecossistema empreendedor e que não apareceu na busca anterior. O autor faz uma análise comparativa dos ecossistemas empreendedores dos países do BRICS, assim ele será melhor explorado no final da próxima seção.

O Quadro 1 foi elaborado para sintetizar os resultados encontrados para a revisão sistemática de literatura e incluem os autores, o título do artigo, ano de publicação, qual a metodologia adotada para o estudo e a temática principal, que está ligada às perspectivas observadas após a análise dos textos de maneira a agrupar e sintetizar os temas mais comuns e/ou abordados nos artigos.

Quadro 1 – Síntese dos artigos científicos utilizados para a revisão de literatura

Autores	Título	Ano	Metodologia	Temática Principal
Atiase; Kolade; Liedong	The emergence and strategy of tech hubs in Africa: Implications for knowledge production and value creation	2020	Estudo de caso	Papel das Universidades e hubs tecnológicos
Bate	A comparative analysis on the entrepreneurial ecosystem of BRICS club countries: practical emphasis on South Africa	2021	Misto (qualitativo e quantitativo)	Menções sobre o BRICS
Boucher; Cullen; Calitz	Culture, entrepreneurial intention and entrepreneurial ecosystems: evidence from Nelson Mandela Bay, South Africa	2023	Estudo de caso	Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano
Boucher; Cullen; Calitz	The role of urban planning for Nelson Mandela Bay's entrepreneurial ecosystem	2024	Estudo de caso	Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano
Dzimba; Van Der Poll	Disruptive innovation at the base-of-the-pyramid: Negotiating the missing links	2022	Estudo de caso	Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano
Fubah; Moos	Exploring COVID-19 challenges and coping mechanisms for SMEs in the South African entrepreneurial ecosystem	2022	Estudo qualitativo abrangente	Desafios e necessidades estruturais
Høvig <i>et al.</i>	The role of investors in developing academic spin-offs: The biotech sector in South Africa	2023	Estudo de caso	Papel das Universidades e hubs tecnológicos
Ismail <i>et al.</i>	Student entrepreneurship support at South African public universities: an ecosystem perspective	2024	Estudo de caso	Papel das Universidades e hubs tecnológicos

**Quadro 1** – Síntese dos artigos científicos utilizados para a revisão de literatura - continua

Autores	Título	Ano	Metodologia	Temática Principal
Iwu <i>et al.</i>	Sustaining Family Businesses through Business Incubation: An Africa-Focused Review	2024	Revisão sistemática de literatura	Papel das Universidades e hubs tecnológicos
Lee; Kim	Analyzing determinants' priorities of entrepreneurial ecosystems for ICT start-ups in Sub-Saharan Africa: a path toward sustainable development	2025	Estudo qualitativo exploratório	Desafios e necessidades estruturais
Msimango-Galawe; Majaja	Mapping the needs and challenges of SMEs: A focus on the city of Johannesburg entrepreneurship ecosystem	2022	Estudo de caso	Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano
Ogujiuba; Eggink; Ebenezer	Interaction and main effects of finance support and other business support services on the entrepreneurial ecosystem: a case study of the Mpumalanga Province, South Africa	2023	Estudo de caso	Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano
Rani; Kumar	Do entrepreneurial activities decrease income inequality and boost human development? Evidence from BRICS economies	2021	Meta-análise	Desafios e necessidades estruturais/Menções sobre o BRICS
Rani; Kumar	The dynamics of link between entrepreneurship, government support and economic growth: Evidence from BRICS countries	2022	Meta-análise	Menções sobre o BRICS
Sambo	A conceptual study of an intrapreneurship ecosystem at South African universities	2018	Revisão sistemática de literatura	Papel das Universidades e hubs tecnológicos
Swartz; Marks; Scheepers	Venture Support Organizations –lighting a path for entrepreneurship in South Africa?	2020	Revisão de literatura	Desafios e necessidades estruturais
Trethewey-Mould; Moos	A stakeholder approach towards a consolidated framework for measuring business incubator efficacy	2024	Estudo qualitativo exploratório	Papel das Universidades e hubs tecnológicos
Wadee; Padayachee	Higher education: catalysts for the development of an entrepreneurial ecosystem, or ... are we the weakest link?	2018	Pesquisa bibliográfica	Desafios e necessidades estruturais

Fonte: autoria própria.

Metodologicamente, acerca dos estudos reunidos, notou-se que a maioria dos autores dá preferência a abordagens qualitativas. Como a pesquisa bibliográfica e revisões de literatura (Wadee; Padayachee, 2018; Sambo, 2018; Swartz; Marks; Scheepers, 2020; Iwu *et al.*, 2024), também pesquisa qualitativa



RELISE

abrangente, como Fubah e Moos (2022). Além de estudo qualitativo exploratório (Trethewey-Mould; Moos, 2024; Lee; Kim, 2025) e o estudo de caso que demonstra resultados mais contundentes, possibilitando comparações com dados secundários como do GEM e GEI, como em Atiase, Kolade e Liedong (2020); Boucher, Cullen e Calitz (2023); Ogujiuba, Eggink e Olamide (2023); Msimango-Galawe e Majaja (2022); Høvig *et al.* (2023); Boucher, Cullen e Calitz (2024); e Ismail *et al.* (2024).

Em particular, alguns dos artigos analisados utilizaram abordagens mistas (qualitativo e quantitativo). Os dois textos de Rani e Kumar (2021; 2022) trazem uma revisão sistemática de estudos em conjunto com dados do GEI, mas para combinar esses dados foi utilizada a meta-análise com o modelo estatístico de efeitos aleatórios. E o estudo de Bate (2021) utilizou a mesma metodologia adotada pelo GEI para analisar os EEs dos países do BRICS, também combinando métodos quantitativos e qualitativos.

Diante disso, foi possível com a pesquisa chegar a perspectivas sobre a construção do ecossistema empreendedor na África do Sul. Na próxima seção, inicia-se com textos sobre a primeira perspectiva, que tratam das questões estruturais como desigualdades regionais e acesso ao financiamento. Na segunda, são artigos que discutem o papel estratégico das universidades e hubs tecnológicos na promoção da inovação e na formação de capital humano. Na terceira são apresentados textos com exemplos regionais que destacam as iniciativas locais para superar obstáculos. Na última perspectiva, são estudos que exploram a influência do BRICS como um catalisador para troca de práticas, colaboração internacional e fortalecimento do empreendedorismo no país, apontando caminhos para um desenvolvimento econômico mais inclusivo e sustentável.



RELISE

PERSPECTIVAS SOBRE ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR NA ÁFRICA DO SUL

Entende-se que os ecossistemas empreendedores são como um conjunto organizado de componentes interdependentes que possibilitam o empreendedorismo produtivo em um local específico (Isenberg, 2011; Stam, 2015). Tais ecossistemas envolvem processos e atores dinâmicos locais, sociais, institucionais e culturais que incentivam e aprimoram a formação e o crescimento de novas empresas, apoiados por uma infraestrutura favorável, possibilitando o desenvolvimento econômico regional (Boucher; Cullen; Calitz, 2024).

Em vista do exposto, foi possível notar pela revisão de literatura que as perspectivas para o ecossistema empreendedor na África do Sul são ambivalentes, refletindo tanto desafios estruturais quanto oportunidades promissoras. A integração ao BRICS, iniciativas acadêmicas e políticas de suporte têm o potencial de impulsionar o empreendedorismo, mas barreiras como acesso limitado a financiamento e desigualdades regionais ainda limitam o progresso. Nessa seção são apresentados dados que colaboram para a contextualização sobre empreendedorismo e o ecossistema empreendedor da nação, em seguida são destrinchadas as perspectivas que reúnem as temáticas principais dos textos analisados na revisão sistemática de literatura.

De acordo com o relatório especial de Bowmaker-Falconer e Meyer (2022), *Fostering entrepreneurial ecosystem vitality*, para o GEM, o EE da África do Sul requer revitalização e atenção focada por parte do governo, em que investimentos em infraestrutura têm de ser centrais para desenvolvimento do plano econômico de capital impulsionado, envolvendo uma combinação do setor público e privado. Também é necessária atenção aos níveis de desemprego, principalmente entre os jovens, ao cenário do crime que impacta a vida dos indivíduos, afetando negativamente lucros e potenciais empreendedores, além



RELISE

da corrupção e fraude que são fatores históricos na sociedade sul-africana, ganhando proporções maiores ao passar dos anos e impactando negativamente a economia do país. Ademais, de acordo com o índice nacional de contexto do empreendedorismo (NECI), a nota do país em 2022 foi de 4,1, e caiu para 3,9 em 2024, estando entre os dez mais baixos em colocação entre as 49 economias participantes do GEM (2025).

Entende-se que o empreendedorismo, por ser um fenômeno social de múltiplas camadas, é difícil e complexo desenvolver formas adequadas para mensurá-lo. O *Global Entrepreneurship Index* (GEI) surgiu como medida abrangente que capta as diferentes dimensões do ecossistema empreendedor em nível nacional, trazendo os valores nacionais para o GEI com base em três blocos fundamentais — atitudes empreendedoras, habilidades empreendedoras e aspirações empreendedoras — além dos 14 pilares que compõem o índice (Ács et al., 2019, p. 25).

O primeiro bloco, Atitudes Empreendedoras, trata da forma como a sociedade enxerga o empreendedorismo e capta aspectos culturais e sociais relacionados ao tema. O segundo bloco, Habilidades Empreendedoras, examina o perfil e a qualificação dos empreendedores e a capacidade dos negócios de crescer com solidez. O terceiro bloco, das Aspirações Empreendedoras reflete o desejo de escalar e transformar os negócios. Ao unir variáveis individuais e institucionais, o GEI possibilita uma leitura abrangente dos ecossistemas empreendedores, destacando tanto as capacidades quanto os entraves que cada país enfrenta em seu processo de desenvolvimento econômico baseado na inovação. Em relação à África do Sul, apresenta-se o Quadro 2.

O pilar melhor avaliado é o das aspirações empreendedoras, com 37,99 pontos, seguido pelas habilidades empreendedoras (31,19) e, por fim, as atitudes empreendedoras (28,76). Esse desempenho reflete com todos os três blocos principais indicados em azul-escuro, sinalizando que, em termos



comparativos globais, o país se mantém acima da média em sua performance geral nos três domínios do GEI. Entretanto, ao analisarmos os dados desagregados por variáveis institucionais e individuais, fica evidente que há sérias deficiências em aspectos fundamentais para o fortalecimento do ecossistema empreendedor.

Quadro 2 - Índice de Empreendedorismo Global (GEI) da África do Sul

	Pilares		Variáveis Institucionais		Variáveis Individuais	
Atitudes empreendedoras	Percepção de Oportunidade	0.42	Aglomeração de Mercado	0.53	Reconhecimento de Oportunidade	0.60
	Startup Skills	0.07	Educação Terciária	0.21	Percepção de Habilidades	0.49
	Aceitação de Risco	0.43	Risco de Negócio	0.44	Percepção de Risco	0.78
	Rede	0.31	Uso da Internet	0.51	Conhecimento de Empreendedores	0.49
	Apoio Cultural	0.38	Corrupção	0.49	Status de Carreira	0.72
	Atitudes Empreendedoras					28.76
Habilidades Empreendedoras	Oportunidade de Startup	0.34	Liberdade Econômica	0.52	Motivação de Oportunidade	0.53
	Absorção de Tecnologia	0.21	Absorção de Tecnologia	0.71	Nível de Tecnologia	0.39
	Capital Humano	0.25	Treinamento de Equipe	0.66	Nível Educacional	0.30
	Competição	0.63	Domínio do Mercado	0.65	Concorrentes	0.85
	Habilidades Empreendedoras					31.19
Aspirações Empreendedoras	Inovação de Produto	0.54	Transferência de Tecnologia	0.56	Novo Produto	0.73
	Inovação de Processos	0.50	Despesa Interna Bruta P&D	0.55	Nova Tecnologia	0.95
	Alto Crescimento	0.55	Estratégia de Negócio	0.57	Gazela	0.74
	Internacionalização	0.49	Globalização	0.54	Exportação	0.70
	Capital de Risco		Profundidade do mercado de capitais	0.86	Investimento Informal	0.30
	Aspirações Empreendedoras					37.99
	GEI	32.65	Institucional	0.56	Individual	0.61

Fonte: Traduzido de <http://thegedi.org/tool/>.



RELISE

No bloco das atitudes empreendedoras, o pilar “Start-up Skills” apresenta um valor baixo (0.07), refletindo a falta de confiança dos indivíduos em suas habilidades para iniciar um negócio. Essa limitação está fortemente associada à baixa qualidade da educação terciária no país, cuja variável institucional correspondente tem apenas 0.21. Soma-se a isso o fraco desempenho em “Networking” (0.31), indicando uma rede de contatos fraca e pouco acesso a modelos empreendedores — fator essencial para a formação de novos empreendedores.

No pilar das habilidades empreendedoras, as dificuldades continuam evidentes. A absorção de tecnologia tem índice de 0.21, sendo acompanhada por um nível individual de uso tecnológico igualmente baixo (0.39), demonstrando que boa parte das empresas ainda atua com tecnologias defasadas. Além disso, o pilar “Capital Humano” apresenta apenas 0.25, reforçando a carência de empreendedores com formação sólida, com destaque negativo para o nível educacional individual (0.30), um indicador direto da qualidade da força empreendedora no país.

Já entre as aspirações empreendedoras, apesar do bom desempenho geral, há uma fragilidade crítica na variável “Investimento Informal”, com índice de apenas 0.30. Isso mostra uma carência de redes informais de financiamento, como o apoio de amigos e familiares, que são essenciais especialmente na fase inicial dos empreendimentos. Por outro lado, a África do Sul se destaca com excelente performance em pontos específicos. No grupo das atitudes empreendedoras, a “Percepção de Risco” obtém 0.78, evidenciando que os indivíduos têm boa tolerância ao risco, uma qualidade importante para empreendedores. Entre as habilidades empreendedoras, a variável individual “Concorrentes” alcança 0.85, o que indica que muitos produtos ou serviços oferecidos são percebidos como diferenciados em relação ao mercado existente — um sinal de vantagem competitiva e inovação.



RELISE

No pilar das aspirações, o indicador de “Nova Tecnologia”, com 0.95, o mais alto de todos os componentes, mostrando que alguns empreendedores estão de fato inseridos na fronteira tecnológica. Além disso, a variável institucional “Profundidade do Mercado de Capitais” apresenta 0.86, revelando que o país possui infraestrutura para capital de risco institucional, o que pode beneficiar empresas com maior potencial de escalabilidade. Em suma, embora a África do Sul possua uma base promissora no que diz respeito às aspirações e a certas dimensões das atitudes e habilidades, o país ainda enfrenta gargalos estruturais em capital humano, educação superior, redes de apoio e investimento informal. Essas fragilidades precisam ser enfrentadas com políticas integradas para que o ecossistema empreendedor sul-africano possa atingir seu pleno potencial.

Desafios e necessidades estruturais

A partir dos artigos estudados foi possível notar que o EE da África do Sul enfrenta barreiras significativas para seu desenvolvimento, como a burocracia, falta de infraestrutura e dificuldades para acessar mercados e capital humano. Tais dificuldades são agravadas por disparidades regionais e um ambiente empresarial que não prioriza o empreendedorismo informal e rural, enfraquecendo o espírito empreendedor. Isso posto, foi escolhida a perspectiva dos desafios, necessidades e possíveis soluções como a primeira a ser apresentada por oferecer um panorama mais compreensível das atuais condições quando se procura estudar o ecossistema empreendedor (a nível nacional) da África do Sul.

Em primeiro lugar, um dos desafios estruturais apontados pelos estudiosos está relacionado à corrupção e eficácia governamental, que limitam o potencial de transformação social e econômica do país. Conforme mencionado por Rani e Kumar (2021), o controle ineficaz da corrupção em países em



RELISE

desenvolvimento reduz a confiança de empreendedores e investidores. Na África do Sul, os autores apontam que os casos recorrentes de corrupção enfraquecem a previsibilidade econômica, geram insegurança jurídica e dificultam o estabelecimento de negócios sustentáveis. Para mitigar esses impactos, é imprescindível fortalecer instituições de fiscalização, aumentando a transparência e a confiança no ambiente de negócios.

O segundo desafio frequentemente apontado é a dificuldade de acesso ao crédito doméstico. O capital de risco, essencial para a sobrevivência de startups e pequenas empresas, torna-se escasso ou inacessível, especialmente em áreas periféricas e para empreendedores de baixa renda. Esse problema é agravado pela concentração de recursos financeiros em poucas instituições e pela falta de suporte integrado de universidades e centros de inovação (Rani; Kumar, 2021).

Este ponto também é levantado por Lee e Kim (2025), ao analisarem os determinantes e prioridades nos ecossistemas de startups de TIC na Nigéria, Quênia e África do Sul. Para eles, apesar do crescimento do empreendedorismo e dos investimentos em startups na África, o ecossistema desses países ainda enfrenta desafios como estruturas de apoio fracas, políticas governamentais inadequadas, altos impostos, instabilidade política, acesso limitado a financiamento inicial e infraestrutura e recursos insuficientes. Em específico, a África do Sul enfrenta um clima de investimento conservador e capital de risco limitado para startups em estágios iniciais, apesar de um sistema financeiro e infraestrutura acadêmica fortes. Há uma necessidade urgente de um ambiente de investimento mais estável e melhores estratégias de saída.

Wadee e Padayachee (2018) apontam como terceiro principal desafio para o desenvolvimento de um ecossistema empreendedor sul-africano é que o ato de empreender tem sido subestimado e dificultado por pré-concepções de raízes coloniais que freiam o espírito empreendedor da população sul-africana.



RELISE

Além de haver um estereótipo negativo da figura do empreendedor africano por estrangeiros, em maioria informais, sendo que as universidades também não reconhecem a importância do setor informal e rural em seus programas e currículos o que afeta a relevância desses espaços em vista de seu papel formativo, incentivador e colaborador para o desenvolvimento do EE.

De maneira similar, Swartz, Marks e Scheepers (2020) afirmam que mesmo que o ambiente sul-africano seja dinâmico para desenvolvimento e apoio a empreendimentos, o histórico do Apartheid gerou barreiras culturais, institucionais e estruturais ao empreendedorismo. Diante disso, o acesso a financiamento e habilidades financeiras é a barreira mais citada por empreendedores na pesquisa que realizaram, especialmente para mulheres empreendedoras. Além de ressaltarem obstáculos geográficos, tido assim como o quarto desafio, pois empreendedores em áreas distantes dos principais centros (Gauteng e Western Cape) têm dificuldade de acesso aos recursos das organizações de apoio a empreendimentos.

No artigo de Fubah e Moos (2022) são salientadas as dificuldades que os empreendedores enfrentaram no período da pandemia de Covid-19, principalmente os de pequenas e médias empresas (PMEs), esse tido como o quinto desafio principal, pois se tornaram um conjunto de circunstâncias recentes para diversos EEs. Segundo os autores, esses negócios sofreram reduções drásticas em suas atividades econômicas, com muitos relatando quedas de receita próximas a 100% durante os seis primeiros meses de bloqueio. Além disso, entre 60% e 70% dos clientes cancelaram contratos, agravando a crise financeira.

Em busca de soluções para tais adversidades, foi importante os empreendedores adotarem estratégias de adaptação, como redução nos preços dos serviços e manter uma mentalidade empreendedora positiva. Outra estratégia importante foi o networking, identificado como um mecanismo



RELISE

essencial para compartilhar informações e criar oportunidades de negócios, evidenciando-se também como uma necessidade estrutural para o EE. Assim, "[o] networking foi identificado como um mecanismo de enfrentamento para todos os negócios, independentemente do tamanho" (Fubah; Moos, 2022, p. 15).

Essas respostas evidenciam a capacidade das PMEs de inovar e se adaptar em tempos de crise, mas também ressaltam a necessidade de maior apoio governamental. Medidas como financiamento, consultoria e treinamento são relevantes para ajudar as empresas a enfrentarem emergências e fortalecer sua resiliência em longo prazo (Fubah; Moos, 2022; Lee; Kim, 2025). Dessa forma, os autores desses textos pontuam que a flexibilidade, inovação e financiamentos fazem parte das soluções para garantir a sobrevivência das PMEs e promover seu crescimento contínuo em um ambiente desafiador, assim como melhorar a estrutura de desigualdade e expandir o mercado para receita.

Acerca das necessidades estruturais para desenvolvimento do ecossistema empreendedor, Wadee e Padayachee (2018) exploram os desafios e possíveis soluções que apoiem inovação, criação de empregos e espírito empreendedor em estudantes recém-formados no país. Ao longo do texto são mencionadas políticas, iniciativas, estratégias e decretos governamentais para o impulsionamento e regulamentações para o empreendedorismo na África do Sul, como o *White Paper* de 1995 e o *Unlocking Potential in an Enterprising Nation* de 2005. Porém, os autores demonstram por meio de dados secundários que essas iniciativas não conseguiram contribuir significativamente para a criação de empregos ou crescimento de empresas.

Enquanto Swartz, Marks e Scheepers (2020) destacam a importância da contextualização em economias emergentes para o desenvolvimento do ecossistema empreendedor e apontam a relevância de outro programa de desenvolvimento governamental, o *Entrepreneurial Development in Higher Education* (EDHE), em conjunto com universidades historicamente



RELISE

desfavorecidas sul-africanas e universidades dos Estados Unidos para transferência de conhecimento e investimento anjo. O EDHE também é ponto relevante no texto de Sambo (2018), cuja temática principal é melhor discutida na segunda perspectiva.

Percebe-se nos estudos citados que a eficácia governamental desempenha um papel central na promoção do empreendedorismo. Apesar do potencial para gerar empregos e inovar, a falta de programas governamentais eficazes na África do Sul que podem ser mais bem construídos pelo Departamento de Comércio e Indústria e a Agência de Desenvolvimento de Pequenas Empresas, por exemplo, prejudicam a expansão de novos negócios (Ogujiuba; Eggink; Olamide, 2023; Swartz; Marks; Scheepers, 2020). Soluções mencionadas por Rani e Kumar (2021); Ogujiuba, Eggink e Olamide (2023); Wadee e Padayachee (2018); Lee e Kim (2025) incluem políticas que ampliem o crédito para micro e pequenas empresas, além de parcerias público-privadas para financiar iniciativas empresariais.

Portanto, entende-se que o ecossistema empreendedor da África do Sul enfrenta desafios estruturais que limitam seu potencial transformador, como desigualdades, corrupção, dificuldade de acesso a crédito, burocracia e falta de apoio governamental eficaz. Esses problemas prejudicam o desenvolvimento de PMEs, essenciais para geração de empregos e inovação. Diante disso, os estudos apontam que para superar essas barreiras é necessário implementar políticas públicas inclusivas, simplificar processos burocráticos, fomentar a inovação, e promover uma cultura empreendedora mais robusta aliada à capacitação, consultoria, financiamento e à integração de comunidades rurais, urbanas e universidades no ecossistema empreendedor sendo estas fundamentais para criar um ambiente sustentável e resiliente, promovendo crescimento econômico e social, impulsionando o sucesso das PMEs no país.



RELISE

Papel das Universidades e hubs tecnológicos

A segunda perspectiva foi a mais retratada nos estudos escolhidos para a revisão sistemática de literatura. Assim, aqui são apresentados textos que discutem a relevância das políticas públicas representadas pelas instituições de pesquisa e instituições educacionais, ou seja, o papel das universidades e hubs tecnológicos como tratou Isenberg (2011) ao elaborar um dos conceitos para ecossistema empreendedor, que destaca a importância de seis domínios interconectados para o sucesso do empreendedorismo: finanças, políticas públicas, cultura, apoio, capital humano e acesso a mercados.

Dentro desse arcabouço as universidades podem ser localizadas na esfera de políticas públicas, como instituições de pesquisa, e na formação de recursos humanos, como instituições educacionais. Elas emergem como elementos fundamentais para o fortalecimento de diversos desses domínios, atuando como catalisadoras de inovação, formação de capital humano e suporte ao empreendedorismo. Como instituições de ensino e pesquisa, elas desempenham um papel central ao conectar empreendedores ao conhecimento, infraestrutura e redes colaborativas. Contudo, barreiras regulatórias e falta de competências limitam o impacto dessas iniciativas (Høvig *et al.*, 2023).

Nesse contexto, as universidades têm o potencial de ampliar sua relevância ao integrar esforços de diferentes setores, promovendo a criação de hubs tecnológicos e programas de desenvolvimento que abordem lacunas críticas do ecossistema, como acesso a financiamento, infraestrutura e capacitação profissional. Por sua vez, os hubs tecnológicos destacam-se como plataformas que democratizam o acesso à inovação, embora desafios como financiamento e networking ainda limitem seu alcance e impacto (Atiase; Kolade; Liedong, 2020).

A importância de iniciativas como essas é evidenciada por Sambo (2018), que discute o ecossistema intraempreendedor nas universidades da



África do Sul. Ele destaca a introdução da plataforma *Entrepreneurial Development in Higher Education* (EDHE), pelo governo do país, para promover o empreendedorismo dentro das universidades, e busca avaliar por uma revisão de literatura como o ambiente interno das universidades é propenso à atividade empreendedora. O autor aborda que o ecossistema empreendedor baseado em universidades inclui múltiplos níveis como os indivíduos, grupos, organizações, eventos e comunidade de stakeholders, em que este sistema provê infraestrutura, recursos e meios para o desenvolvimento de comunidades empreendedoras.

Sambo (2018) também aponta que as condições estruturais para o intraempreendedorismo nas universidades são insuficientes, sendo prejudicadas por burocracia, falta de recursos e ambientes que desestimulam a inovação. Assim, é importante que as universidades apostem na liderança, capacidade organizacional, proatividade, desenvolvimento do empreendedorismo no ensino e aprendizagem para fomentar o ecossistema.

No estudo de Ismail *et al.* (2024) foram observados problemas similares, demonstrando que mesmo com pesquisas retratando o cenário do empreendedorismo dentro das universidades, os desafios persistem, com soluções a serem realizadas, mas os entraves para implementá-las também continuam denotando o problema sistêmico do crescimento econômico e desenvolvimento do ecossistema empreendedor.

Assim sendo, Ismail *et al.* (2024) sugerem que as universidades devem ter uma abordagem holística e sinérgica para o apoio ao empreendedorismo estudantil, garantindo ofertas completas, buscando o suporte da alta gerência e financiamento, engajando-se em colaborações externas, buscando cooperação entre universidades e adaptando as estratégias para empreendedorismo estudantil aos seus contextos geográficos e históricos únicos.



RELISE

Com foco no spin-off acadêmico, que tem um nível historicamente baixo na África do Sul, Høvig *et al.* (2023) falam do papel de investidores em desenvolver esse spin-off em interação com empreendedores acadêmicos e agências de transferência de tecnologia. Desenvolvendo o estudo com esses atores envolvidos no ecossistema empreendedor no entorno de universidades, os autores concluem que os spin-offs acadêmicos, similarmente a outros países, enfrentam barreiras regulatórias, a falta de competência necessária por parte de pesquisadores acerca de empreendedorismo e mercado, e de redes para comercializar as tecnologias desenvolvidas. Desta forma, eles se tornam menos atraentes para investidores apesar das pesquisas e tecnologias relevantes desenvolvidas nas universidades.

Tratando também do desenvolvimento de tecnologias, Atiase, Kolade e Liedong (2020) vão além do espaço das universidades para entender o surgimento e implicações de hubs tecnológicos do estilo Faça Você Mesmo (*Do It Yourself – DIY*) para a produção de conhecimento, criação de valor e empregos em alguns países africanos, incluindo a África do Sul. Os autores afirmam que esses hubs são plataformas para inovação tecnológica de base e democratização científica, desenvolvendo e popularizando iniciativas tecnológicas e acesso a pessoas que não se encontram no ambiente acadêmico tradicional.

Assim, de acordo com esse estudo, os hubs criam valor econômico e social por meio da criação de empregos, aumento da renda, expansão de fundos de investimentos, impactos na governança e setores públicos. Além de que esses espaços oferecem uma plataforma de aplicação pouco ortodoxa de recursos com combinações para superar restrições, mais oportunidades de aprendizado para empreendedores desenvolverem seus produtos, trocar ideias, fazer networking e proporcionar mais inovação. Mas destacam os mesmos desafios que os outros autores discutidos perceberam, como o financiamento,



RELISE

em que existe grande competição para crédito nos países africanos, a dificuldade em atrair usuários para os espaços e em estabelecer conexões com colaboradores e recursos externos.

No entanto, apesar das vantagens e o papel desses hubs ser destacado, Iwu *et al.* (2024) entendem que a relação entre sistemas de incubação de negócios e o crescimento de empresas familiares africanas precisa ser melhor explorada, diante da importância das empresas familiares para a economia africana e da proliferação de estudos sobre empreendedorismo. Os autores colocam que a África do Sul é um modelo para o continente no que diz respeito ao uso de sistemas de incubação para apoiar o setor de pequenas empresas, com vantagens e um ambiente de apoio que promovem a longevidade, networking, transferência de conhecimento e aprimoramento do ecossistema empreendedor. Porém essas empresas têm dificuldades com planejamento sucessório, viés de bifurcação (tratamento preferencial a parentes), e gestão de riscos.

Um dos pontos que passam a ser cruciais nessa dificuldade de alcance ou execução de ideias inovadoras que hubs tecnológicos e incubadoras oferecem para empresas no contexto sul-africano está em como medir a eficácia dessas iniciativas, o que é discutido no artigo de Trethewey-Mould e Moss (2024). Os autores descobriram que há um impacto negativo do ambiente na eficácia percebida das incubadoras, incluindo escassez de recursos (dificuldade em acessar financiamento sustentável, dependência excessiva de fundos governamentais, falta de talentos em gestão de incubadoras) e contexto proibitivo (falta de apoio político/legislativo, escassez de empresas de alta qualidade entrando nos programas de incubação, ambiente de negócios difícil). O que gera conflitos entre as incubadoras e os stakeholders em relação a expectativas impostas por ambos os lados para o sucesso da incubação nas empresas.



RELISE

Portanto, existe uma relevância para as universidades e hubs tecnológicos transcenderem seu papel tradicional, promovendo maior integração com setores estratégicos e alinhando seus esforços às necessidades reais do ecossistema empreendedor. Essa conexão permitirá que atuem como facilitadores de mudanças estruturais, superando entraves como burocracia e falta de financiamento, enquanto democratizam o acesso à inovação, fortalecem o impacto social e econômico de suas iniciativas e alinham suas expectativas com as empresas que buscam crescimento. Enxergar essas instituições como agentes centrais, capazes de articular redes colaborativas e disseminar práticas inovadoras, é substancial para um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável na África do Sul, mas de forma que sejam monitoradas em relação a sua eficácia envolvendo outros atores do conjunto (governo, financiadores do setor privado, comunidades) formador do ecossistema empreendedor.

Exemplos dentro do macro ecossistema empreendedor sul-africano

Acerca dessa terceira perspectiva, são agrupados artigos que tratam de regiões específicas da África do Sul que tentam desenvolver seu próprio ecossistema empreendedor local, dessa maneira entende-se que esses exemplos estão englobados dentro do ecossistema empreendedor sul-africano retratado nos demais textos de nível nacional e, por isso, é tido como um macro ecossistema.

Diante disso, sabe-se que os ecossistemas empreendedores são uma estrutura multifacetada, composta por redes interconectadas de partes interessadas, suporte financeiro e intelectual, além de políticas e programas que sustentam o comportamento empreendedor. Essa definição reforçada por Msimango-Galawe e Majaja (2022) evidencia a importância de um sistema integrado para o fortalecimento do empreendedorismo, especialmente em



RELISE

contextos desafiadores, como o de economias em desenvolvimento, a exemplo da África do Sul.

Nesse contexto, o papel do governo é crucial. Por isso, todos os autores retratados aqui ressaltam esse papel como sendo de facilitador, pela promoção de políticas públicas que não apenas incentivam o surgimento de novos empreendimentos, mas também garantam a sustentabilidade dos existentes. Isso significa que o governo precisa criar condições favoráveis para que pequenos e médios negócios, especialmente os localizados em áreas economicamente desfavorecidas, possam superar barreiras estruturais e competir em mercados mais amplos. Além disso, a consolidação de um ecossistema empreendedor robusto depende da cooperação entre governo, setor privado e outros agentes econômicos.

A Figura 1 apresenta um quadro conceitual que detalha os principais desafios e necessidades enfrentados pelos empreendedores no ecossistema de Joanesburgo (COJ). Baseada no modelo de Isenberg (2011), a figura mapeia como os domínios de mercados, finanças e capital humano são interconectados por meio de redes formais e informais, mediadas pelo capital social. Esses domínios representam áreas importantes para o sucesso do empreendedorismo, sendo influenciados por fatores como acesso a mercados, suporte financeiro, educação empreendedora e mentoria.

Demonstra-se assim que a cidade de Joanesburgo é apresentada como exemplo de um ecossistema empreendedor se desenvolvendo dentro do EE da África do Sul. Todo o framework construído pelos autores adota uma abordagem de sistemas de rede, onde as interações entre os domínios são mediadas por conectividade, densidade, fluidez e diversidade, e atua para responder às necessidades dos empreendedores, que utilizam o capital social como uma base para acessar recursos e promover inovação. As interações no ecossistema são facilitadas por redes formais e informais, confiança mútua e trocas de valor. Os

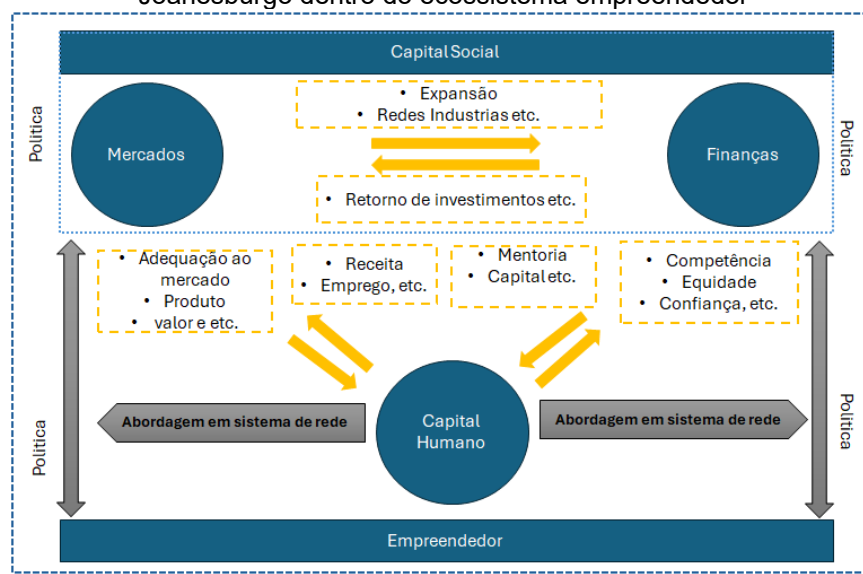


RELISE

148

principais desafios enfrentados pelos empreendedores são: acesso a mercados (67%), equipamentos (60%), fornecedores (54%), gestão financeira (50%), profissionais de marketing e relações públicas (45%), e educação empreendedora (42%) (Msimango-Galawe; Majaja, 2022).

Figura 1 – Mapeando os desafios e necessidades críticas dos empreendedores na cidade de Joanesburgo dentro do ecossistema empreendedor



Fonte: Traduzido de Msimango-Galawe e Majaja (2022).

Como segundo exemplo, tem-se o ecossistema empreendedor na Baía de Nelson Mandela, retratado em dois textos de Boucher, Cullen e Calitz (2023; 2024). No texto de 2023, os autores apresentam uma série de desafios estruturais e culturais que dificultam o crescimento e a sustentabilidade de negócios na região, e assim, do desenvolvimento desse ecossistema. Enquanto no texto de 2024, o objetivo foi investigar como o planejamento urbano afeta os ecossistemas empreendedores (EEs) na mesma região metropolitana.

Eles concluem que apesar de sua diversidade econômica e cultural, a Baía de Nelson Mandela enfrenta obstáculos significativos, como baixos níveis de inovação, dificuldade de acesso ao mercado, alta concentração de microempresas que, geralmente, possuem recursos financeiros e humanos



RELISE

limitados, além da má gestão do uso da terra devido a processos burocráticos para o zoneamento de terras com o objetivo de atividades comerciais. Tais fatores restringem a capacidade dos empreendedores para atrair investimento, seu crescimento e geração de empregos em larga escala.

Boucher, Cullen e Calitz (2023), observam que 87,4% das empresas na região estudada estão na categoria de microempresas, evidenciando um desequilíbrio econômico, diante da prevalência de empreendedores por necessidade e poucos conhecimentos sobre gestão e estratégias de negócios. Esse cenário resulta em um impacto econômico reduzido, contribuindo para a manutenção de altas taxas de desemprego e pobreza. Continuamente, a dependência por soluções imediatas e a falta de escalabilidade dessas empresas dificulta a transição para categorias maiores, que poderiam atrair mais investimentos, aumentar a produtividade e melhorar a competitividade no mercado.

Ademais, a cultura local, embora reconhecida como catalisadora de atitudes empreendedoras, apresenta características que limitam o desenvolvimento do ecossistema. Para os autores existe uma cultura de dependência do governo, o medo do fracasso e o empreendedorismo ainda é visto como uma solução para a falta de empregos formais. Esses fatores criam barreiras para o empreendedorismo de risco e inovação. De forma complementar, a Baía de Nelson Mandela sofre consequências diante da má supervisão da liderança metropolitana, pois não são priorizados os desafios de uso de terras em conjunto com a falta de manutenção de infraestruturas, o que impacta o desenvolvimento econômico da área metropolitana e pioram a desigualdade entre diferentes grupos (Boucher; Cullen; Calitz, 2023; 2024).

O terceiro exemplo explora os fatores contextuais que influenciam a capacidade de inovação disruptiva de empresas baseadas em novas tecnologias (NTBFs) na África do Sul, em específico a Província de Gauteng. Os autores



RELISE

destacam que o país possui dinâmicas socioeconômicas que incentivam o desenvolvimento de inovações disruptivas, apesar da baixa taxa de sucesso de pequenas empresas. Assim, Dzimba e Van der Poll (2022) também tecem uma crítica que apesar de o ecossistema empreendedor possuir políticas facilitadoras, financiamento, instituições de apoio, transferência de conhecimento, outras estruturas e fatores externos para a inovação disruptiva, a qualidade das ligações entre as instituições e o ambiente operacional é fraca. A capacidade de inovação disruptiva de uma NTBF sul-africana depende da sua capacidade de negociar os elos perdidos, ou seja, de superar continuamente os desafios e restrições externas.

O quarto exemplo está retratado no artigo de Ogujiuba, Eggink e Olamide (2023), em que foram estudados os efeitos do financiamento e apoio empresarial em PMEs na província de Mpumalanga. Para os autores, tais fatores influenciam positivamente o desenvolvimento do ecossistema empreendedor, somente quando atuam separados, porque se forem implantados simultaneamente, o ecossistema pode ser prejudicado devido à sobreposição de objetivos. Em realidade, os autores utilizam o exemplo da província de Mpumalanga como um reflexo para o EE macro da África do Sul, e afirmam que em vista de ser uma economia emergente é importante a separação dos objetivos de financiamento e de outros apoios empresariais, pois foi o que o modelo elaborado por eles demonstrou quando a pesquisa foi aplicada.

Portanto, observa-se que há tentativas de desenvolver ecossistemas empreendedores em regiões importantes da África do Sul. Todavia, os desafios para esses ecossistemas se consolidarem são semelhantes aos retratados por autores dos outros textos que refletem sobre o EE macro sul-africano. Então, de maneira similar, os artigos de Msimango-Galawe e Majaja (2022) e Boucher, Cullen e Calitz (2023; 2024) propõem como solução uma transformação do ecossistema empreendedor da cidade de Joanesburgo e a região metropolitana



RELISE

da Baía de Nelson Mandela. Logo, são recomendáveis a promoção de estratégias para inovação, que o envolvimento governamental seja mais eficiente em setores necessitados, como de políticas educacionais e programas voltados para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, criando condições mais favoráveis para o crescimento econômico sustentável.

De forma sucinta é o que foi apontado por Dzimba e Van der Poll (2022), para haver inovação no país é necessário a contínua superação dos desafios e restrições externas ao negociarem os elos perdidos, que seriam entre os seis domínios interconectados para o sucesso do empreendedorismo apontados anteriormente. Assim, percebe-se a relevância da criação de modelos e pesquisas que entendam melhor da diversidade da África do Sul e, conseqüentemente, do(s) ecossistema(s) empreendedor(es) dentro desse ambiente, como apontam Ogujiuba, Eggink e Olamide (2023). Também a importância da atuação governamental na criação de políticas de incentivo ao empreendedorismo alinhadas às características locais, considerando as interações complexas entre os elementos do EE.

Menções sobre o BRICS

Nesta última perspectiva são destacados, dentro dos estudos levantados, menções e temáticas sobre o envolvimento do BRICS e o ecossistema empreendedor da África do Sul. De início, foi possível notar que são poucos os artigos que trazem a relação do EE do país em conjunto ao seu envolvimento no BRICS. O texto de Rani e Kumar (2021), por exemplo, aborda a relação de atividades empreendedoras na diminuição da desigualdade de renda e aumento do desenvolvimento humano nos países do grupo. Na literatura apresentada pelos autores, foram achadas poucas evidências de pesquisas sobre a relação entre atividades empreendedoras e os outros fatores mencionados. Neste estudo foram utilizados dados secundários de indicadores



RELISE

como *World Development Indicators*, *Global Entrepreneurship Monitor*, *World Inequality Database* e *Human Development Reports*.

Os resultados enfatizados pelos autores mostram uma influência positiva de atividades empreendedoras totais no IDH dos países do bloco, mas não uma influência significativa na desigualdade de renda, enquanto o comércio exerce um impacto positivo nessa dimensão. Portanto, eles interpretam que o empreendedorismo e a desigualdade de renda tendem a mudar simultaneamente, e o IDH tende a reduzir a desigualdade entre os países do BRICS por meio do aumento do capital humano. Ademais, os autores argumentam que o empreendedorismo poderia ser usado como um instrumento para a mobilidade socioeconômica ascendente dos indivíduos. Além de que a formação de capital humano é o aspecto mais importante a ser considerado pelos países do BRICS, já que reduz a desigualdade e estimula a cultura empreendedora nas sociedades (Rani; Kumar, 2021).

Coincidentemente, outro artigo de Rani e Kumar (2022) também destaca as oportunidades de colaboração entre os países membros do bloco. Para eles, a África do Sul ao alinhar-se às práticas e iniciativas dos demais membros do BRICS, pode fortalecer seu ecossistema empreendedor e contribuir para o crescimento inclusivo e inovador dentro do grupo. Os autores destacam que embora o investimento em incubadoras e programas de treinamento tenha avançado, a nação precisa consolidar uma estratégia nacional integrada que promova tanto o crescimento econômico quanto a inclusão social, alinhando-se às metas do BRICS de transição para economias baseadas na inovação.

Portanto, o papel do governo sul-africano, assim como nos outros países do BRICS, é central para fomentar a cultura empreendedora e transformar desafios em oportunidades. Medidas eficazes que priorizem acesso ao crédito, uso de TICs, e fortalecimento do capital humano são fundamentais para que o país não apenas acompanhe a transição do bloco, mas se destaque como um



RELISE

modelo de crescimento inclusivo e sustentável dentro do grupo. Logo, a integração da África do Sul ao BRICS reforça o papel estratégico do bloco em fornecer suporte ao ecossistema empreendedor (Rani; Kumar, 2022).

Bate (2021) traz uma análise comparativa dos ecossistemas empreendedores dos países do BRICS, com foco na comparação entre Brasil, Índia e África do Sul, para isso utilizou os dados do GEI entre 2012 e 2018. O autor destaca que o país sul-africano foi classificado entre os países com baixo desempenho no GEI em termos de habilidades de startup, redes, absorção de tecnologia, capital humano e pilares de capital de risco. E avalia a importância do governo sul-africano focar nesses pilares e no sistema educacional para melhorar o desenvolvimento de seu ecossistema empreendedor, o que ajudará a manter sua liderança empreendedora entre países subsaarianos.

Diante do exposto, e em concordância com Bate (2021), mais estudos que envolvam os países do BRICS e a temática dos ecossistemas empreendedores são necessários para melhorar explorar os esforços de desenvolvimento coletivo propostos pelos países membros, ainda mais com a entrada de outros Estados que alterarão a dinâmica atual do grupo. Assim como possibilitar melhor entendimento dessa dinâmica influenciando o desenvolvimento dos ecossistemas empreendedores locais, propondo novas alternativas para os gargalos identificados a fim de promover esses ecossistemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma revisão sistemática da literatura para artigos sobre a África do Sul e ecossistemas empreendedores foi possível estabelecer um panorama acerca dos subtemas, destacando pontos em comuns retratados por estudiosos e pontos de melhoria para o contínuo desenvolvimento do EE sul-africano.



RELISE

Muitos artigos apontam o papel do governo como fundamental para o sucesso de empreendedores e, conseqüentemente, prosperidade do ecossistema empreendedor. Mesmo com ressalvas para a dependência criada de pequenas empresas e empreendedores por apoio governamental, não se pode negar esse papel relevante em vista das dimensões que conectam um ecossistema empreendedor. Observa-se uma dicotomia nessas ações quando os artigos aqui estudados demonstram a dificuldade de emplacar políticas e o índice de desenvolvimento econômico do país estar abaixo de 1,5% por anos consecutivos. É preciso uma contínua observação do cenário sul-africano para avaliar como será o desenvolvimento de ecossistemas empreendedores.

Em relação às universidades, os estudos mostram seu papel estratégico na promoção da inovação, do capital humano e da formação de redes empreendedoras, embora ainda enfrentem barreiras estruturais, burocráticas e culturais (Høvig et al., 2023; Sambo, 2018). Futuras investigações poderão aprofundar como essas instituições podem integrar-se de forma mais efetiva ao ecossistema empreendedor sul-africano, ampliando seu impacto e conectando diferentes setores da sociedade.

A pandemia de COVID-19 evidenciou a fragilidade das PMEs sul-africanas diante de crises inesperadas, com quedas severas na receita e cancelamentos em massa de contratos, conforme relatado por Fubah e Moos (2022). Esse cenário reforça a necessidade de pesquisas futuras que explorem mecanismos de resiliência e políticas públicas mais eficazes para enfrentar situações de instabilidade no ecossistema empreendedor.

Durante a pesquisa inicial nas bases de dados, foram encontrados cinco estudos que tratam do empreendedorismo e mulheres sul-africanas, com foco nas dificuldades de acesso, financiamento, oportunidades e barreiras que elas se deparam ao empreenderem, mas nenhum deles inseria as mulheres no contexto de ecossistemas empreendedores. Somente os textos de Bowmaker-



Falconer, Meyer e Samsami (2024) e Swartz, Marks e Scheepers (2020) contextualizam de forma breve condições de empreendedoras e o ambiente empreendedor, ressaltando a necessidade de intervenções que promovam o empreendedorismo feminino a fim de avançar a equidade de gênero dentro de um ecossistema empreendedor. Todavia, mesmo que haja menções sobre a tida relevância das mulheres como empreendedoras, se vê necessário mais pesquisas que as incluam no contexto de desenvolvimento do ecossistema empreendedor do país.

Isso posto, as pesquisas em relação à África do Sul e ecossistema empreendedor advém de um crescimento recente, todavia, os estudos apresentados oferecem poucos dados acerca da condição do país, trazendo fontes secundárias ou uma literatura abrangente sobre temáticas para sustentar justificativas da realidade sul-africana. Entende-se que o ecossistema empreendedor na África do Sul está em desenvolvimento, sua participação no BRICS é um abridor de portas para melhorias como a percepção de oportunidades e a habilidade para iniciar um novo empreendimento, investimentos e mais pesquisas para entender sobre a diversidade e as especificidades das regiões do país, em que também são notados ecossistemas empreendedores. Por isso, as questões culturais devem ser melhor exploradas por autores para oferecer perspectiva sobre as dimensões importantes dos ecossistemas empreendedores, como o capital humano e a cultura empreendedora local.

Por fim, para fortalecer o ecossistema empreendedor da África do Sul, é fundamental adotar uma abordagem integrada que leve em consideração os desafios internos enfrentados pelo país. Isso inclui a implementação de políticas governamentais eficazes, o desenvolvimento de programas de capacitação empreendedora, com a contínua participação das universidades, a promoção de uma cultura de inovação, e integração entre as comunidades rurais e urbanas.



RELISE

REFERÊNCIAS

ÁCS, Zoltan; SZERB, László; AUTIO, Erko. The global entrepreneurship index 2019. Washington, D.C., USA: The Global Entrepreneurship and Development Institute, 71 p., 2019. Disponível em: http://thegeedi.org/wp-content/uploads/2021/02/2019_GEI-2019_final_v2.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

AGOSTINHO, Yuri Manuel Francisco. Revisitar a história da África do Sul e a sua historiografia: uma trajetória de encontros e tendências. **África [s]-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África**, v. 5, n. 10, p. 25-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/6044>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ATIASE, Victor Yawo; KOLADE, Oluwaseun; LIEDONG, Tahiru Azaaviele. The emergence and strategy of tech hubs in Africa: Implications for knowledge production and value creation. **Technological Forecasting & Social Change**, United Kingdom, v. 161, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120307>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BATE, Adisu Fanta. A comparative analysis on the entrepreneurial ecosystem of BRICS club countries: practical emphasis on South Africa. **SN Bus Econ**, n. 1, v. 121, 2021, p. 1-20. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s43546-021-00120-2>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOUCHER, S.; CULLEN, M.; CALITZ, A.P.. Culture, entrepreneurial intention and entrepreneurial ecosystems: evidence from Nelson Mandela Bay, South Africa. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, v. 16, n. 4, p. 1183-1211, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JEEE-05-2022-0156>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOUCHER, Sasha; CULLEN, Margaret; CALITZ, Andrée Paul. Culture, entrepreneurial intention and entrepreneurial ecosystems: evidence from Nelson Mandela Bay, South Africa. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, Gqeberha, v. 15, n. 1, p. 1-29, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/JEEE-05-2022-0156>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOWMAKER-FALCONER, A.; MEYER, N.; SAMSAMI, M.. **Shaping entrepreneurship development through policy direction**. Stellenbosch University: Stellenbosch South Africa, 2024. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/shaping-entrepreneurship-development-through-policy-direction>. Acesso em: 10 jul. 2025.



RELISE

157

BOWMAKER-FALCONER, Angus; MEYER, Natanya. **Fostering entrepreneurial ecosystem vitality**: Global Entrepreneurship Monitor South Africa 2021/2022. South Africa, 2022. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BOWMAKER-FALCONER, Angus; MEYER, Natanya; SAMSAMI, Mahsa. **Entrepreneurial Resilience during Economic Turbulence 2022/2023**: GEM South Africa National Report. South Africa, 2023. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DZIMBA, Eshah; VAN DER POLL, John Andrew. Disruptive innovation at the base-of-the-pyramid: Negotiating the missing links. **Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity**, Basel, v. 8, n. 4, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/joitmc8040171>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FUBAH, Clavis Nwehfor; MOOS, Menisha. Exploring COVID-19 challenges and coping mechanisms for SMEs in the South African entrepreneurial ecosystem. **Sustainability**, Basel, v. 14, n. 1944, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su14041944>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Global Entrepreneurship Monitor 2023/2024 Global Report**: 25 Years and Growing. London: GEM, 2024. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org>. Acesso em: 10 jul. 2025.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Global Entrepreneurship Monitor 2024/2025 Global Report**: Entrepreneurship Reality Check. London: GEM, 2025. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org>. Acesso em: 10 jul. 2025.

HØVIG, Øystein Stavø; PETTERSEN, Inger B.; NEETHLING, Adolph C.; PASCHAL, Brandon; TAXT, Randi E. The role of investors in developing academic spin-offs: The biotech sector in South Africa. **Southern African Journal of Entrepreneurship and Small Business Management**, v. 15, n. 1, a738, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/sajesbm.v15i1.738>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ISENBERG, D. J. The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurships. Based on an invited presentation at the Institute of International and European Affairs, Dublin Ireland. **Anais...**2011.

ISMAIL, Riyaad; FARRINGTON, Shelley; BIGNOTTI, Alex; VERMEIRE, Jacob; KNOCKAERT, Mirjam; CRUCKE, Saskia. Student Entrepreneurship Support at South African Public Universities: An Ecosystem Perspective. **Southern African Business Review**, [S. l.], v. 28, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://unisapressjournals.co.za/index.php/SABR/article/view/15298>. Acesso em: 10 jul. 2025.



RELISE

158

IWU, C.G.; MALAWU, N.; NDLOVU, E.N.; MAKWARA, T.; SIBANDA, L. Sustaining Family Businesses through Business Incubation: An Africa-Focused Review. **Journal of Risk and Financial Management**. 2024, v. 17, n. 5, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jrfm17050178>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LEE, Jonghyun; KIM, Jisong. Analyzing Determinants' Priorities of Entrepreneurial Ecosystems for ICT Start-Ups in Sub-Saharan Africa: A Path Toward Sustainable Development. **Sustainability**, v. 17, n. 5, p. 1-22, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su17052044>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MSIMANGO-GALAWÉ, Jabulile; MAJAJA, Buntu.. **Cogent Business & Management**, v. 9, n. 1, 2094589, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23311975.2022.2094589>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NGONGONI, C.N.; GROBBELAAR, S.S.; SCHUTTE, C.S.L. The role of open innovation intermediaries in entrepreneurial ecosystems design. *South African Journal of Industrial Engineering*, Pretoria, v. 28, n. 3, p. 56-65, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7166/28-3-1839>. Acesso em: 10 jul. 2025.

OGUJIUBA, Kanayo K.; EGGINK, Maria; EBENEZER, Olamide. Interaction and main effects of finance support and other business support services on the entrepreneurial ecosystem: a case study of the Mpumalanga Province, South Africa. **Economies**, Basel, v. 11, n.157, p. 1 - 23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/economies11060157>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A (longa) história da desigualdade na África do Sul. **Philia & Filia**, v. 2, n. 2, p. 118-148, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Philiaefilia/article/view/24428/14104>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RANI, Ritu; KUMAR, Naresh. Do entrepreneurial activities decrease income inequality and boost human development? Evidence from BRICS economies. **Global Business Review**, v. 22, n. 1, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0972150921996186>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RANI, Ritu; KUMAR, Naresh. The dynamics of link between entrepreneurship, government support and economic growth: Evidence from BRICS countries. **Journal of Public Affairs**, Hoboken, v. 22, Suppl. 1, e2741, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pa.2741>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SAMBO, Wise. A conceptual study of an intrapreneurship ecosystem at South African universities. **Management Issues – Problemy Zarządzania**, Warsaw, v. 16, n. 1(73) part 2, p. 192-215, 2018. South Africa. Disponível em: <http://doi.org/10.7172/1644-9584.73.12>. Acesso em: 10 jul. 2025.



RELISE

159

STAM, Erik. Entrepreneurial ecosystems and regional policy: a sympathetic critique. **European planning studies**, v. 23, n. 9, p. 1759-1769, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SWARTZ, Ethné; MARKS, Jonathan T.; SCHEEPERS, Caren. Venture Support Organizations—Lighting a Path for Entrepreneurship in South Africa?. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 10, n. 2, p. 20200060, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/erj-2020-0060>. Acesso em: 10 jul. 2025.

TRETHEWEY-MOULD, Rowan L.; MOOS, Menisha N. A stakeholder approach towards a consolidated framework for measuring business incubator efficacy. **The Southern African Journal of Entrepreneurship and Small Business Management**, v. 16, n. 1, p. 1-14, 2024. Disponível em: https://hdl.handle.net/10520/ejc-sajesbm_v16_n1_a776. Acesso em: 10 jul. 2025.

WADEE, Ahmed Abdulhay; PADAYACHEE, Anshu. Higher education: catalysts for the development of an entrepreneurial ecosystem, or ... are we the weakest link? **Science, Technology & Society**, Los Angeles, v. 22, n. 2, p. 284-309, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0971721817702290>. Acesso em: 10 jul. 2025.